

Acto Falho 27

>> Jun 2018

DEPARTAMENTO
Formação em
PSICANÁLISE



editorial

Gustavo A J Amarante

Antes de tudo, obrigado. Ao ser convidado para escrever este editorial fui invadido por uma alegria difícil de ser traduzida em palavras, mas que ligava-se à possibilidade, mais uma vez, de eu poder ser grato e demonstrar minha gratidão ao Sedes e ao Departamento Formação em Psicanálise.

Começo afirmando que o Acto Falho é publicação querida e relevante, porta de entrada para novos autores e lugar de pertença para os mais experientes. Aqui eu também fui iniciado na escrita psicanalítica e encontrei um lugar hospitaleiro onde desvelar meu pensamento para colegas e amigos, e para ver e ouvir as mentes e as almas instigantes destes mesmos colegas e amigos. Descobri aqui que o Acto Falho era ato pensado, refletido, elaborado, e sonhado; ato sofrido, dolorido, cálido e pungente, que provoca através dos fatos selecionados de seus textos, transformações e desenvolvimento, de autores-tradutores e leitores-revisores. Há, por fim, o ato de doação do pensar-escrever, uma espécie de transmissão sem imposição (Rancière e seu Mestre Ignorante).

Nesta edição: As professoras Bia e Suzana sonham conosco o seu sonho de ser psicanalista. Nas suas entrevistas a gratidão salta aos olhos na referência comum ao professor Ryad Simon e de cada uma por seus guias e interlocutores. A gentileza das palavras, entretanto, não obscurece a firmeza do compromisso nem a intensidade do amor pela invenção freudiana e depois kleiniana, bioniana, lacaniana, e de tantos outros mais que fazem a psicanálise “viver e sobreviver” a tempos que parecem lhe ser permanentemente hostis

Juliana e Antonio sonham o adolescente da puberdade e o da maioridade alertando-nos para o que está além do óbvio. Ela nos fala da possibilidade da melancolia em meio às mudanças físicas e psíquicas de um jovem inserido em si mesmo e na sociedade; fala de morte para proclamar a vida; fala de esperança ativa e engajada, preocupada amorosamente com um outro frágil e ao mesmo tempo cheio de potência. Ela fala de um “acto que não deveria ser falho” - contingências de um Bartleby freudiano. Ele nos fala de adolescências, e também para além do óbvio, daquela que há e da que poderia haver, impregnadas de libido e agressividade não-predatória. Antonio nos fala da possibilidade de seguir criando e transformando, continuamente, nossa própria realidade e sua relação com a realidade externa, numa espécie de simetria permanentemente renovada entre o ser, o estar e o fazer.

Maritza e Gisele sonham os sonhos das profundezas da alma, um sonho foucaultiano que questiona o limiar determinante da loucura e da razão. Pedro e Alice rompem fronteiras; ele rejeita uma realidade insuportável criada pela violência extrema que só se pode inferir de sua fala delirante enquanto ela penetra o espelho para ver-se louca entre loucos. Ela sonha e pensa e constrói seu caminho de libertação; ele é prisioneiro de um pensar que não se pensa e dos deslizamentos, substituições, metáforas e metonímias capengas que desfiguram os significantes. Há, talvez, que loucurar-se para criar uma via de retorno à vida.

Eliane fecha com uma poética de Miguilin na qual figuras parentais, gaviões, ovos e a Chiquinha, impelidos pelo imperativo da realidade e pelos laços de amor que as lembranças denunciam, auxiliam o lembrador a fazer a travessia da infância para algum outro lugar ainda desconhecido.

Termino como comecei: agradecendo. Ler de forma privilegiada estes textos e escrever alguma coisa sobre eles foi o meu sonho tornado fato hic et nunc. Desejo a todos uma leitura de fazer pensar e sonhar, junto a cada autor e a cada personagem constitutiva deste volume.

Índice

PÁG 04

Melancolia e suicídio na adolescência

Juliana Pinto Zaroni

PÁG 07

Reflexão sobre uma visão psicanalítica diferenciada da adolescência

Antônio Alves Xavier

PÁG 10

Portas para o inconsciente

Maritza Köpp Setti

PÁG 12

A clínica da psicose: limites e possibilidades

Gisele Assuar

PÁG 15

Rei Guilherme, o Breve

Eliane Accioly Fonseca

PÁG 16

Juntos no Acto Falho: Maria Beatriz Romano de Godoy

PÁG 18

Episteme: Suzana Alves Viana

Melancolia e suicídio na adolescência

Juliana Pinto Zaroni

zaroni.juliana@gmail.com

Quando uma série que aborda o suicídio de uma adolescente como ponto central de sua trama se torna uma das mais populares entre o público, e jornais e revistas passam a divulgar e alertar contra jogos online que estimulariam tal prática é porque este assunto, tão negligenciado, precisa ser discutido pela sociedade.

Alardes (e romantizações) midiáticos à parte, o número de suicídios na adolescência tem aumentado nos últimos tempos e hoje representa a terceira causa de óbito nessa faixa etária segundo a OMS. Embora a observação detalhada da pesquisa revele diferenças nas causas de morte ao distinguir a idade e o sexo das vítimas, manter ativos o interesse e a discussão sobre o tema pode ser uma maneira de desacelerar a progressão desses casos. Talvez por que o fracasso dos jovens seja, sobretudo, o fracasso dos adultos que deveriam ajudá-los a enfrentar as responsabilidades (em especial na infância e na passagem desta para a adolescência), a prática suicida entre adolescentes muitas vezes tem sido ignorada. É comum que os pais evitem falar sobre a morte com seus filhos e, mesmo diante de claras tentativas de suicídio, disfarcem a realidade, como se precisassem acreditar que tudo não tenha passado de um acidente.

A passagem da infância à adolescência impõe uma série de mudanças. Após a Fase Edípica, o sujeito experimenta a Latência como uma espécie de momento de resignação, de espera de um futuro que será marcado, sobretudo, pelo despertar da sexualidade. Em suas primeiras manifestações, ela ainda aparece com um componente imaginário muito forte: antes mesmo que o corpo possa manifestar a sexualidade (o que, no menino, se dá com as primeiras ejaculações involuntárias e, nas meninas, com a chegada da menstruação), o sujeito estabelece uma espécie de parceria com “amores idealizados” – geralmente ídolos *pop* que os acompanhem no preparo para as mudanças que se anunciam.

Segundo Françoise Dolto (1988), é justamente “a possibilidade de dissociar a vida imaginária e a realidade, o sonho e as relações reais” que se estabelece como o fato mais marcante na ruptura com o estado de infância. A Puberdade, ao trazer consigo o anúncio da primeira experiência amorosa, traz também uma forte angústia. Ao mesmo tempo que deseja tal experiência, o jovem percebe os perigos que a envolvem: “(...) o risco do primeiro amor é sentido como a morte da infância. A morte de uma época”, sentencia a psicanalista.

Que dificuldades rondam o auge dessa transição? Que riscos a passagem à adolescência representa ao sujeito que chega mais frágil a essa fase, com bloqueios e relações menos integradas?

Um dos aspectos que a clínica psicanalítica com crianças e adolescentes tem nos apontado como origem de uma recorrente – e cada vez mais precoce – melancolia é a ausência do que Freud (1926) chama de “uma educação para a ansiedade”, um esforço em poupar os mais jovens de qualquer quantidade de frustração que possam tolerar. Se levarmos em conta que a primeira relação objetal estabelecida pelo recém-nascido é com a mãe-seio que alimenta e frustra, evitar que as crianças enfrentem frustrações é negar a elas seu desenvolvimento psíquico e contribuir para uma fragilidade emocional que as acompanhará até a fase adulta, provavelmente prejudicando o enfrentamento de obstáculos e limitações.

Mais danoso para o psiquismo, entretanto, é o excesso de frustração, a ausência de satisfações libidinosas, a Falta. A experiência da mãe e do pai é constituinte: apenas quando a pessoa que ajuda o indivíduo (o outro que ampara, o continente) executa uma ação específica no mundo externo é que o desamparado fica em posição de executar no interior do seu corpo aquilo que possa amenizar suas angústias. O bom objeto oferece continência às angústias do bebê: é ele que, internalizado na infância, auxilia a criança a dar conta da sua existência e deverá sustentar o mundo interno do sujeito, permitindo que ele suporte a ambivalência, o que também significa suportar as pressões da pulsão de morte. Ao contrário, se a introjeção do objeto bom fracassa, a situação de perda do objeto amado é revivida pelo melancólico nas fases que sucedem a infância (KLEIN, 1940). Está instaurado o desamparo.



A regressão narcísica observada nos melancólicos também remete à identificação primária, à indiscriminação característica do primeiro modo de ligação a um objeto. Existe no melancólico uma tendência que provocaria a regressão de sua libido aos estágios mais primitivos. Fixado em um estágio do desenvolvimento libidinal em que impera a cisão, o melancólico não dá conta da ambivalência e ataca seu próprio mundo interno na tentativa de preservar o que considera uma parte saudável do seu ego. O sucesso em retornar ao estágio em que não há distinção entre o que é bom e o que é mau, em que estaria livre de todas as manifestações de ambivalência que lhe são insuportáveis é que levaria ao suicídio.

A integração dos objetos faz desmoronar a ideia de um universo ideal. Perde-se a inocência ao se perceber possível amar o que se odeia e odiar o que se ama. Também a superação da infância é a perda de um mundo ideal, um desmame que se impõe em um contexto arriscado que deixa à mostra as fraquezas do indivíduo que precisa crescer e tantas vezes não sabe como fazê-lo.

A maneira como lidarão com este “estado de adolescência” dependerá dos estados internos e das pressões impostas pela realidade. Já no primeiro momento da adolescência, por volta dos 11 anos, é comum que se afastem, que não encarem mais os pais como referência de valores e se coloquem contra todas as leis, fiéis à sensação de que quem as representa se opõe aos seus anseios de liberdade. É comum que sejam arrebatados por uma tendência negativista e por estados depressivos que agravam ainda mais sua fragilidade. De fato, ensimesmar-se enquanto se adquirem novas defesas não parece uma má escolha. Mas tudo se agrava quando, neste momento de vulnerabilidade, os adolescentes são atacados, têm suas dificuldades e defeitos apontados frequentemente pelos parentes. Ouvir cotidianamente que os decepciona e aborrece, o filho acaba acreditando que desprezar a si mesmo é a maneira de salvar seus pais: se não é desejado, por que sobreviver?

Se os pais não têm condições de se constituir um objeto bom para seu filho, ou se simplesmente se veem cansados, os adultos à sua volta devem agir. Muitas vezes, o que este sujeito em estado de transição precisa é de um ouvido atento e discreto, de alguém que possa ser continente daquilo que ele tem tanto medo de dizer. Permitir que expressem seu desejo de morrer sem tentar impedi-los imediata e objetivamente, apenas escutando-os faz com que não se sintam mais sozinhos. O outro, então, passa a ser visto como alguém capaz de compreendê-lo sem desrespeitar seu sofrimento. É preciso oferecer tranquilidade e libertar os adolescentes dos tantos – e tão confusos – sentimentos de culpa que os surpreendem. Para que não se sintam desamparados, para que possam, enfim, ter com quem contar.

Referências Bibliográficas:

- DOLTO, Françoise. A causa dos adolescentes. 2a ed. Aparecida- SP: Ideias e Letras, 2015.
FREUD, Sigmund. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Vol. XIV e XX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
KLEIN, Melanie. *Amor, culpa e reparação*. Cap. 17 e 20. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

Juliana Pinto Zaroni

Rua Girassol, 891 - sala 21

Vila Madalena - SP

Tel. 11 941092507 / 11 23664594

E-mail: zaroni.juliana@gmail.com

Reflexão sobre uma visão psicanalítica diferenciada da adolescência

Antônio Alves Xavier

antonioalvesxavier@globo.com

Entender a adolescência como um estágio e um estado mental no processo evolutivo da vida humana, é uma questão que nos convida a reflexões de diversas ordens.

Cogito que a adolescência pode ser observada como um estado psíquico que perdura pela vida toda do indivíduo e, portanto, para além de ser uma época de transformações biopsíquicas e sociais que tem como objetivo de fazer a criança dependente tornar-se um adulto autônomo.

Nestas poucas linhas desejo colaborar para que a adolescência, mesmo com os riscos que esta minha diferenciada visão psicanalítica dela possa implicar, seja cada vez mais colocada em lugar de justa atenção não só como um período referido a uma idade cronológica que sucede a infância e precede o indivíduo adulto, mas como um estado mental que convém estar presente em toda a existência humana. Assim sendo, a adolescência, ao receber os cuidados que merece para depois da extinção da puberdade, pode funcionar como uma defesa protetora do aparelho psíquico contra a instauração de uma desfavorável “velhice mental”.



Nesse sentido, descrevo a adolescência como sendo um estágio e também, como sendo um estado psíquico:

1. Como estágio, a adolescência é aquele estágio do processo evolutivo do indivíduo, onde ocorre uma reestruturação da sua mente, face às maiores mudanças biopsicosociais pelas quais ele passa desde o nascimento.

2. Como estado psíquico, a adolescência é um estado mental no qual se apresentam processos psíquicos intensamente impregnados pela libido associada à agressividade não predatória, direcionados ao movimento, à mudança e ao desenvolvimento, que se expandem para além do estágio adolescente.

Obs. Do meu ponto de vista sem a presença da agressividade, ligada à pulsão de vida, não há vida, porém a agressividade pode estar a serviço da pulsão de morte quando fica desligada, solta, livre, indo na direção de atacar para destruir por destruir: a essa última categoria de agressividade atribuo a nomeação de agressividade predatória.

É preferível o uso do termo estágio para designar o período da adolescência, porque ele espelha melhor o que nela ocorre, uma vez que, esta palavra significa do ponto de vista etimológico: “aprendizado e cada uma das sucessivas etapas nas quais se realiza um determinado trabalho”. Aprender a ser adulto é o trabalho e o aprendizado, que se faz na adolescência.

Na realidade, o estágio da adolescência varia de cultura para cultura, de classe social para classe social, sendo que, apenas os processos psíquicos desencadeados pelas transformações corporais é que são semelhantes em todos os indivíduos. Por outro lado, não há como fazer uma equivalência entre a adolescência numa sociedade menos desenvolvida e a adolescência na sociedade urbana, industrializada e globalizadas do século XXI. As solicitações psíquicas e sócio/econômicas/culturais da vida adulta nestas sociedades são muito diferentes.

Consequentemente, buscar conhecer psicologicamente a adolescência, significa entender o adolescente em duas dimensões de seu mundo interno: suas relações intra-psíquicas (ele com ele mesmo) face às transformações corporais desencadeadas pela puberdade e suas relações inter-psíquicas (ele com os outros) face às crescentes exigências sociais, familiares e econômicas da vida adulta.

Adulto no corpo, porém sem ter alcançado sua autonomia, o adolescente convive ainda com seus traços psicológicos infantis de dependência, que dificultam o provimento de sua identidade e a realização de seu jeito singular para viver sua vida. Por autonomia entendemos a independência dentro de uma necessária dependência. Ele não tem autonomia, porque não possui ainda sua nova identidade adulta razoavelmente estabelecida e por isso depende da família e da sociedade para a sua sustentação econômico-financeira, escolha profissional, inserção no mercado de trabalho, na vida financeira e nos outros variados campos do mundo adulto.

As solicitações e exigências da sociedade e da cultura parecem compreender isso.

Não é requerido, portanto, do adolescente nas classes socialmente mais favorecidas e dominantes, que ele ingresse no mundo da autonomia de imediato, efetive uma vida econômica auto-sustentável, seja sexualmente estável com parceria própria, ou constituindo sua vida autônoma em uma nova família, se esse for o caso. Mais recentemente, é adequado assinalar ainda, inclusive, que o adolescente nem vá possuindo prontamente uma clara definição de gênero sexual (embora o conservadorismo e o preconceito ainda acentuadamente perdurem nesse campo).

Consequentemente, o esforço do indivíduo para tornar-se adulto sugere a existência de não uma, mas duas adolescências realizando-se em estágios distintos:

- 1.O primeiro no qual o adolescente desenvolve processos e organização psíquica a partir de **mudanças corporais** desencadeadas pela puberdade (**adolescência do corpo**)
- 2.O segundo na qual o adolescente desenvolve prioritariamente processos e organização psíquica a partir das novas solicitações sociais familiares correspondentes à **autonomia adulta (adolescência da autonomia)**.

Quanto à adolescência como um estado mental, pensamos que essa noção de estado é um conceito útil na compreensão da adolescência para além do estágio adolescente em si mesmo e que faz com que traços e conteúdos psicológicos adolescentes possam perdurar a vida toda do indivíduo. **O Dicionário Michaelis (1998) compila, entre outros, os seguintes significados para essa palavra:**

1. Disposição particular das faculdades mentais 2. Período de tempo durante o qual está em efeito ou vigor determinada situação 3. Modo de existir na sociedade 4. Situação organizada em função de determinantes próprios 5. Modo de ser ou estar 6. Situação em que se encontra um indivíduo.

Assim, retomando o que já foi afirmado acima, a adolescência como estado psíquico é um estado mental do indivíduo, no qual se apresentam processos psíquicos intensamente **impregnados pela libido e a agressividade não predatória**, direcionados ao movimento, à mudança e ao desenvolvimento. Aplicado à adolescência, o conceito de estado mostra que nessas operações para tornar-se adulto, pode acontecer a existência de uma adolescência tardia apenas como resultado da expressão de conflitos psíquicos não elaborados nos estágios da adolescência do corpo e da autonomia. As manifestações de uma adolescência tardia podem ter um grau maior ou menor de patologia segundo sua intensidade, segundo a qualidade e incidência do conflito não resolvido somados a idade cronológica do indivíduo.

Finalizando, convém reafirmar, novamente, que a presença de processos adolescentes na maioridade, não apenas não são necessariamente expressão de uma patologia, mas são desejáveis como provedores de energia vital a serviço do que se possa obter em termos de saúde mental na idade cronologicamente avançada, apesar das restrições, por vezes severas, impostas pelas limitações da saúde corporal.

Desta forma, além de tantos outros exemplos que se nos apresentam em nosso dia a dia, recordamos a singular presença da adolescência como estado mental na maturidade, saudosamente, na singela fala adolescente do arquiteto Oscar Niemeyer, um incansável trabalhador, que com mais de 100 anos de idade, pedia aos médicos que o assistiam no hospital que estava internado, que o liberassem “porque tinha importantes projetos a serem concluídos e entregues”.

Referências Bibliográficas:

1. La Adolescência Normal - Aberastury, Arminda y M.Knobel (1981) - Editorial Paidós-Buenos Aires
2. Psicoterapia de adolescentes - Kalina, Eduardo-Livraria Francisco Alves- São Paulo (1976)
3. Drogadicção - Indivíduo, Família e Sociedade (1983) Kalina Eduardo , Kovadloff, Santiago Livraria Horizonte-São Paulo
4. Tornar-se Adolescente: a aventura de uma metamorfose Carvajal, Guillermo - Cortez Editora – São Paulo (2001)
5. O Adolescente e a Modernidade- Escola Lacaniana de Psicanálise (1999)
6. Solidão na Adolescência: apreciações psicanalíticas – Casseb, Alceu Roberto Trabalho apresentado na SBPSP (2002)
7. Teorias da Adolescência - Rolf Muss – Interlivros de Minas Gerais Ltda – Belo Horizonte (1973)
8. Adolescência:Confronto,Risco,Parceria-Pessanha, Antonio Luiz Serpa- trabalho apresentado SBPSP1995
9. Adolescência – Reflexões Psicanalíticas (1998) - David Léo Levisky – Casa do Psicólogo-São Paulo
10. Freud,S.- Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas – Diversos trabalhos

Antonio Alves Xavier

Rua Cotoxó 970 cjto 310

Perdizes

Tel. (11) 3871 3852 Cel. (11) 9 7339 0119

Portas para o inconsciente

Maritza Köpp Setti

maritzasetti@gmail.com | maritzasetti.consultorio@gmail.com

Leonardo da Vinci aconselhava os jovens pintores, com falta de inspiração, que entrassem pelas fissuras das paredes através da imaginação, para aí encontrar mundos intermináveis e inimagináveis para pintar. Adentrar a terra estranha e curiosa da imaginação, o território dos sonhos, o País das Maravilhas de Alice, oferece um bom recurso para resolver o enigma para a vida vazia de sentido, carente de significados.



A vida é feita de histórias, aquelas que vivemos, as que nos contam e as que contamos, que nos assombram ou divertem, carregadas de fantasias que se repetem em futuros repletos de passado. Somos feitos de histórias, do espaço onde vivemos, da memória, do cotidiano e dos acontecimentos, da luta interior implícita à própria vida onde vivem velhos personagens sempre atuais.

Mas há histórias que transcendem a biografia pessoal, que contam sobre as experiências simbólicas que fazem parte de todos, que falam das saídas para se entrar nas fissuras das paredes que isolam nosso inconsciente, onde reside o substrato da imaginação. Histórias malucas como a de Alice, em que o sentido está em todos nós. Pois, se não descobirmos um sentido na loucura será a loucura que encontrará sentido em nós. Nesses casos, é melhor não se espantar e seguir as pistas que levam as descobertas de si. Quanto mais as charadas forem decifradas mais Alice se fortalecerá.

“Como tudo é esquisito hoje! Será que fui eu que mudei à noite? Deixe-me pensar: eu era a mesma quando me levantei hoje de manhã? Estou quase achando que posso me lembrar de me sentir um pouco diferente. Mas se eu não sou a mesma, a próxima pergunta é: Quem é que eu sou? Ah, essa é a grande charada!”

É importante entrar na realidade (in)visível. Sonhar! E perceber que é, simultaneamente, o outro e ela mesma. Alice, ao se deparar com os personagens, em verdade, está diante das diversas facetas de sua personalidade, de sua necessidade de controle, de sua agressividade, sua busca pelo conhecimento, sua vontade de mudar, seu lado instável, medroso, aventureiro e louco.

*“... – Mas eu não quero ficar entre gente maluca – Alice retrucou
– Oh, você não tem saída. Somos todos malucos aqui. Eu sou louco. Você é louca.
– Como sabe que eu sou louca? – Perguntou Alice.
– Você deve ser, ou então não teria vindo para cá. ...”*

Nessa perspectiva tudo será vivenciado a partir dos encontros. Palavras, impressões trocadas, elaboradas e transformadas vão ganhando nome e sentido. Onde a força do encontro e do diálogo tem o poder de transformar.

Durante o caminho, mudará de tamanho muitas vezes e através de uma série de dificuldades deve, a seu modo, encontrar as chaves que abrem as portas da realidade. Às vezes as fechaduras são grandes ou as chaves pequenas. Sentindo-se triste, por ter diminuído muito de tamanho, chora um lago de lágrimas. E nessa hora toma um simples ratinho por um grande hipopótamo... O contrário também ocorre na vida da gente, às vezes, diante de um hipopótamo vemos um simples ratinho. Trocando em miúdos, a dor e o amor próprio devem ter o devido tamanho. Também não é bom ficar preso a um único ponto de vista. Foi o que o rato perguntou à Alice: *“Gostarias de gato se fosses eu?”*. Se você gosta de gato, tente se colocar no lugar do rato.

Alice adentra em um buraco para, na verdade, tomar fôlego e aprender a reconhecer as qualidades essenciais, reais e imaginárias do espaço que suporta o seu sonho. Olhar aquilo que antes não via, definir-se por tudo o que descobriu em si, por aquilo que precisa rejeitar ou incluir e fazê-lo de modo crítico se comprometendo com aquilo que é e sente. E mesmo que o mundo real não suporte sua visão singular, preservar seu mundo interior é tarefa fundamental.

A sabedoria não precisa ser grave. Todos os encontros em que duas pessoas colocam tudo de si mesmas em uma conversa verdadeira, são valiosos em nossa vida. Nos equivocamos tanto, temos colocado mais peso na vida competitiva do que na qualidade da convivência. Leve o tempo que levar, Alice apenas busca encontrar o enigma das portas. Quando encontrar, encontrou. Sem a pretensão vaidosa de um grande feito. Até porque esse feito não é único, são muitas as portas a serem transpostas.

- *Você podia ficar.*
- *Que ideia! Uma ideia maluca e maravilhosa, mas eu não posso, existem perguntas que eu tenho que responder, coisas que devo fazer. Eu voltarei antes do que você pensa.*
- *Não se lembrará de mim.*
- *É claro que lembrarei, como poderia esquecer?*

Referência Bibliográfica:

Alice no País das Maravilhas de Tim Burton.

Maritza Köpp Setti

Rua Maranhão, 554, conjunto 46

Higienópolis – São Paulo

Tel: (11) 3586-7588 / (11) 97058-6000

(61) 98157-7700 (WhatsApp)

A clínica da psicose: limites e possibilidades

Gisele Assuar

gisele.assuar@gmail.com

Pedro morou na rua. Conta que gostava de dormir “a céu aberto”. Ele chega à clínica encaminhado pelo abrigo que o acolheu. Sua mãe não quis sua guarda, disse que a atrapalhava muito, porque não era um bom menino. Antes disso e antes de morar na rua, ele viveu com sua avó. Dessa avó não gosta de falar, ela batia muito nele, “de pau de vassoura, com o ferro”. Fruto de um abuso quando a mãe ainda era uma menina, Pedro talvez seja filho do avô, ou do tio; pouco sabe-se sobre essa história.

O garoto de 15 anos chega a primeira sessão dizendo que quer encontrar seu pai, que vai morar com ele e que “lá” poderá ter tudo o que quiser. Seu pai é poderoso, ora é um chefe do tráfico no morro, ora um empresário muito bem-sucedido. Na casa desse pai terá muitos videogames, uniformes de jogador de futebol, batata frita e todos os brinquedos que quiser. Lembra que a mãe os apresentou certa vez, no Rio de Janeiro, e eles combinaram que ficariam juntos.

Pedro conta detalhes fragmentados e incoerentes de encontros com esse pai, de aventuras nas ruas, de seu treinamento especial no exército... A fala é entrecortada, difícil de seguir, muitas vezes sem sentido. As frases são interrompidas, ele sussurra, parece conversar com mais alguém. Aquilo que inicialmente poderia parecer fantasia de criança, aos poucos vai se configurando cada vez mais delirante.

Se a fala do neurótico ganha sentido porque é possível colocar um ponto final e a partir desse ponto atribuir significação (Lacan chama isso de ponto de basta), na psicose isso não acontece. O que existe é uma erupção do inconsciente que provoca a alucinação, um deslizamento sem fim na cadeia significante que se põe a falar à revelia do sujeito. “O neurótico habita a linguagem, o psicótico é habitado por ela”.

A carência no simbólico do Nome-do-Pai corresponde a uma fenda na realidade do sujeito psicótico que é preenchida pelo delírio. Por isso podemos entender o delírio como uma tentativa de restauração, de sutura da realidade.

No neurótico, pelo recalque, o Outro vai para o inconsciente. No psicótico, o Outro está presente o tempo todo, conversa com ele, lhe dá ordens. O Outro, que fica numa posição de gozo absoluto, fala a esse sujeito no Real, provocando o delírio. Como nos diz Lacan, “o que está forcluído, aparece no Real”.

Conforme a transferência vai se estabelecendo, a fala de Pedro sobre o pai muda de direção. O pai foi preso, roubou algo, “vai colocar a culpa em mim”. Ele fica persecutório, se desestabiliza, foge diversas vezes do abrigo, pede dinheiro na rua.

O “abrigo” aonde está Pedro não o abriga de sua angústia, não pode abrigá-lo, ele está permanentemente a céu aberto. O menino alucina um pai, um pai poderoso, onipotente, como a mãe/avó de sua infância, que dispõe dele como quer para seu próprio gozo. Por isso fica persecutório em relação a todos, à analista também.

Se não é o pai, é a terapeuta que não atende suas demandas: Acusa-me de não dividir a comida com ele, de não lhe dar dinheiro, não visitá-lo no abrigo, de atendê-lo por poucas horas, de não participar de sua audiência, de não protegê-lo de sua mãe. Tempo e espaço se embaralham. O inconsciente é mesmo atemporal.

“Você não lembra de quando vivia no abrigo?”, me pergunta.

Parece que Pedro tem sempre certeza de que sei tudo o que se passa ou se passou com ele, como se fossemos um só.



Nesses momentos percebo que fico no lugar do Outro absoluto, em relação ao qual ele se sente completamente submetido. Seu delírio desvela a posição que o psicótico ocupa de objeto de gozo do Outro e a equivalência que faz entre saber e gozo. Poderíamos dizer que a suposição de saber que o neurótico atribui ao analista é substituída no psicótico por uma certeza.

Em alguns momentos Pedro fica enfurecido e é necessário contê-lo fisicamente. Tirar-lhe uma tesoura das mãos, uma corda enrolada no pescoço, segurá-lo para que não corra para a rua. Poder acolher e também conter sua fúria geralmente leva a um segundo momento de entrega e confiança. “Obrigada, só você me ajuda tanto.”

Aceitar essa posição é, por um lado, a possibilidade de ajudá-lo na construção de uma barreira para o gozo, apresentando-lhe a possibilidade de um Outro protetor, diferente daquilo que jamais conheceu. Por outro lado, essa posição implica que o analista ocupe o lugar do Outro materno absoluto, do qual ele é objeto de gozo, correndo o risco de fabricar com ele um delírio a dois.

Pedro nos coloca os muitos desafios em relação a clínica da psicose. Quais os limites e as possibilidades da psicanálise nesses casos?

A teoria nos dá algumas pistas importantes para pensarmos a posição do analista diante do psicótico e de como a transferência se coloca.

Segundo Lacan, como objeto do gozo do Outro, o psicótico muitas vezes se coloca na relação com o analista como objeto de uma “erotomania mortífera”. Essa situação frequente é também insustentável. Aceitar essa posição implica aceitar o lugar do supereu terrível e gozador.

O delírio tem na psicose uma função importante de suplência na estrutura o que nos indica que a cura com o sujeito psicótico não está na supressão do delírio, mas num apaziguamento do gozo absoluto ao qual o sujeito está submetido.

É preciso construir uma metáfora delirante, ou mais precisamente, o psicótico precisa construir algo que venha suprir o Nome-do-Pai, inventando uma maneira de existir fora da ordem fálica. A metáfora delirante é uma possibilidade de dar um sentido, um contorno para a relação com o Outro, barrando o gozo absoluto e construindo uma suplência da metáfora paterna.

Essa ideia aponta para uma clínica das suplências. Freud, no seu texto “*A perda da Realidade na Neurose e na Psicose*”, de 1924, já indica algo nesse sentido: “(...) tanto para a neurose quanto para a psicose, a questão que vem a ser colocada não é apenas a da perda da realidade, mas também a de um substituto da realidade.” (Freud, S. – *A Perda da realidade na Neurose e na Psicose*)

A clínica das suplências pode ser um caminho bastante interessante para pensarmos as possibilidades da psicanálise em relação a psicose, nem por isso seu manejo se mostra de algum modo fácil. Talvez só possamos encontrar respostas a cada paciente, a cada caso, a cada sessão. Talvez nunca possamos realmente encontrá-las. Como nos diz Michel Foucault, “a psicologia nunca poderá dizer a verdade sobre a loucura, pois é a loucura que detém a verdade da psicologia”.

Referências Bibliográficas:

- FREUD, S. – *Neurose e psicose*. Tradução Paulo César de Souza, Obras completas, vol. 16. São Paulo, Ed. Companhia das letras, 2010.
FREUD, S. – *A perda da realidade na neurose e na psicose*. Tradução Paulo César de Souza, Obras completas, vol. 16. São Paulo, Ed. Companhia das letras, 2010
AULAGNIER, P. – *Observações sobre a estrutura psicótica*. Tradução de Alba Senna.
QUINET, A. – *Teoria e Clínica da Psicose*. Rio de Janeiro, Ed. Forense Universitária, 2014.
SIMANKE, R.T – *A formação da teoria freudiana das psicoses*. Rio de Janeiro, Ed.34, 1994.

Rei Guilherme, o Breve

Eliane Accioly Fonseca

eliane@acciolyfonseca.psc.br

Eu era o rei em minha casa, até um casal de gaviões fazer ninho no abacateiro e botar ovo. O gavião tornou-se o dono do pedaço. Falei pro Papa: "Não é justo, você quem paga o IPTU". "O gavião não sabe disso", Papa falou. Os ovos no ninho foram o máximo. A gente podia ver do escritório da Mama. No jardim o gavião dava rasantes em todo mundo que passava perto do abacateiro, e comecei a duvidar de meu reizismo. Pedi pro Papa expulsar o gavião, o que ele recusou, o IBAMA ia brigar. E o bicho me derrubou. Me atirei de barriga ao chão, pra não ser atingido pelo rasante. Zanguei-me deveras quando Papa falou em comprar um capacete de motoqueiro pr'eu andar no jardim. Respondi:



- Papa, está maluco? Aqui quem manda sou eu! Se o gavião quiser ele que use capacete!

- Por que? Você dá rasante nele?

- Claro que não, se nem sei voar!

Papa não comprou capacete, no lugar disso assistimos dia a dia os ovos serem chocados, e depois, cada gaviãozinho deixar o ninho, crescer e voar. Ninho vazio o gavião não ataca mais. Sem os filhotes pra proteger está calmo. Desistir do abacateiro não desiste. Nem ele nem a fêmea. Outro dia quem quase parou no papo foi um papagaio, atrás de abacate. O gavião voava e assentava em cima, e a gaviã num galho de baixo. Caçavam juntos. O xereta pulava de galho em galho. Os gaviões cercavam o bicho verde e laranja, que gritava feito um montão de maritacas, teretecoteco, barulheira de um bando, não de um só. Fugiu. Barriga cheia de abacate os gaviões deixaram, não precisavam de carne de papagaio, que deve ser dura de doer.

Desisti de ser rei, e não só daquele pedaço. Fosse rei odiaria gaviões. Agora sei que nem a Chiquinha é minha. Ela acredita ser minha dona, e de meus pais, da minha irmã e da nossa casa. Vai ver por isso outro dia deu o chega-pra-lá na Oma. Se bobear, Chiquinha acha que é dona até dos gaviões. Bicada não vai levar, odeia abacate.

Eliane Accioly Fonseca

Rua Joaquim Floriano, 871, Conj 94

Itaim Bibi

(11)3168-3639 / (11)98471-9977

eliane@acciolyfonseca.psc.br

Juntos no Acto Falho:

Maria Beatriz Romano de Godoy



Acto Falho: Como foi sua trajetória até chegar à psicanálise?

Conheci a Psicologia durante o Ensino Médio, pois cursei o Normal que preparava os professores para darem aula no Ensino Fundamental. Durante esse curso fui apresentada a textos de Freud que serviram de base a muitas reflexões sobre o que constituía o ser humano. Seus textos e a descoberta do inconsciente, mudaram minha maneira de ver o mundo. Aos 17 para 18 anos fui convidada a lecionar no próprio colégio em que me formara e, apesar da pouca idade, observei que as crianças tinham dificuldades para aprender, não só pedagógicas. Desenvolvi um projeto e decidi chamar os pais para conversar. Acabei formando grupos de pais, que

tinham dificuldades com os filhos e com eles mesmos. A partir daí busquei a Psicologia. Dentro da Psicologia eu me interessava por quase tudo no começo. Só tive contato com a psicanálise no terceiro ou quarto ano com o professor Ryad Simon, que apresentou a psicanálise de forma vívida e me despertou o desejo de estudar profundamente esse campo tão instigante. Busquei grupos de estudo desde então, e comecei a ler Freud, e a conhecer Klein. Nesse longo percurso de mais de quinze anos, a psicanalista Amina Maggi foi uma figura central.

AF: Que pessoas foram importantes em seu percurso?

Outros supervisores e coordenadores de grupos de estudo como Fábio Herrmann, Leopold Nosek, Roberto Kedhy, M. Olímpia França, Luiz Carlos Junqueira que marcaram a articulação da escuta clínica com a teoria estudada, pois a maioria deles agregava ao grupo de estudo, supervisão de casos. E o processo de análise pessoal, que começou durante os primeiros anos de faculdade, quando fiz psicoterapia pela primeira vez, com Therese Tellegen, psicoterapeuta da Gestalt, onde vivi uma experiência de autoconhecimento muito rica. E depois a psicanálise que fiz por quase 20 anos de análise. O primeiro processo, durou por volta de 8 anos, e o segundo, mais de 10, com a psicanalista Ana Maria A. Azevedo. Foi durante este último processo que optei pela Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP) a fim de organizar e complementar o conhecimento que vinha construindo.

AF: Quando você entrou na psicanálise, que você falou que foi com a análise e com a aula no terceiro-quarto ano, como você trilhou dentro da psicanálise?

Naquela época, por razões distintas quanto às instituições, eu preferi fazer uma formação autônoma. Nem a SBPSP, nem o Sedes foram por mim considerados como possibilidades de pertencimento. E para cuidar de minha formação mantinha - a análise, o estudo e a supervisão de casos - E mesmo depois de terminar o percurso no Instituto da SBPSP, frequentei por mais de 15 anos grupos de Bion. E, por quase 3 anos, um de Lacan, com Arthur Hipólito de Moura. Penso que fazemos escolhas transferenciais sempre. E a minha escolha pela linha inglesa foi marcada pela ligação com os professores da SBPSP que lecionaram e supervisionaram os casos na USP, onde me formei em psicologia e fiz doutorado, pela análise que fiz com a Ana Azevedo e pela clínica que fui construindo, pois atendia crianças e adultos considerados casos mais graves. Freud me dava uma retaguarda, maior em certos aspectos, e outros autores, como a Klein e os pós-kleinianos, e os bionianos e pós-bionianos, foram respondendo a essa outra demanda clínica.

AF: Como começou sua experiência profissional no Sedes?

Há 25 anos vim integrar a equipe de professores do Curso Formação, aceitando o convite feito pela prof. Maria Luiza que representava um grupo de professores composto pela Suzana, Cecília, Armando e Emir, e buscava ampliar o quadro docente, convidando psicanalistas que pudessem trazer suas experiências pessoais e institucionais e agregassem outros vértices de informação e de formação às propostas que pretendiam implementar. Era uma época de mudança, pois o Curso estava sendo reformulado e expandido. Por isso fiquei um bom tempo conhecendo o funcionamento tanto do Curso, do grupo de professores e do próprio Sedes enquanto instituição, pois fazer parte da história que o Sedes representava, trazia responsabilidade não só acadêmica. Além disso, havia a história dos professores que precisava acompanhar, levando em conta o peso das mudanças pretendidas, que exigia delicadeza, e muito respeito. Aprendi muito com todos eles e pude construir um lugar de trabalho pautado em colaboração com o grupo e com o Sedes, intermediando trocas.

AF: Como você vê o seu envolvimento na comunidade do Departamento? Você acabou de falar que entrou justamente na época de transformação.

O Departamento foi criado no ano em que vim para cá. Foi concebido como um lugar que permitisse a todos os participantes do curso, como aos egressos, permanecer no Sedes, ter convívio, troca, formação continuada, estudo, pesquisa psicanalítica... Por acreditar nessa proposta participei: do Colegiado ou da Comissão de Coordenação Geral; do Núcleo de Cursos, durante 7 anos, e também fiz parte inúmeras vezes das Comissões de Curso, até assumir a Coordenação dessa Comissão, nestes 2 últimos anos.

AF: Como você pensa a psicanálise nos dias de hoje?

Os dias de hoje são marcados por um tempo de mudança de Era, como ouvi de um palestrante aqui mesmo no Sedes. Momentos difíceis! Desafios ...incertezas...E a psicanálise é subaproveitada. Ela que traz em si mesma uma ferramenta que ajuda a pensar, e a transformar a realidade psíquica, uma área tão rica do conhecimento, que exige uma formação longa, um investimento alto, mas o retorno de tudo isso para a sociedade, é relativamente pequeno. Penso que a psicanálise vem passando por uma mudança, e os psicanalistas precisam se engajar e trabalhar extramuros. Isto é, ter necessariamente uma atuação que contemple a demanda psicossocial mais efetiva. Com isso não quero dizer que o psicanalista deva ou precise ser militante político. Ele precisa ser psicanalista, promover as condições para escutar o paciente onde se apresente, seja ele pessoa, ou instituição. Trabalhar com o sofrimento e com a expansão do pensar, participar do processo de transformação psicossocial.

AF: Como você enxerga o sujeito em sua clínica?

Busco conhecer os aspectos mais primitivos e perturbados de cada paciente para realizar um trabalho de construção e reconstrução psíquicas que crie e/ou desenvolva seu aparelho de pensar.

AF: Para você, o que uma pessoa precisa para ser psicanalista?

Para ser psicanalista é preciso ser sensível ao próprio sofrimento e ao sofrimento do outro. Portanto é preciso ter empatia e compaixão; ter sensibilidade e tolerância ao não saber...Sobretudo, ter amor à verdade que o inconsciente oferece. É a base para desenvolver a escuta e a função analítica.

AF: Bia, se você fosse deixar uma mensagem para psicanalistas em formação no nosso Departamento, qual seria?

Ao optar por ser psicanalista opta-se, também, por ser um herdeiro de Freud. E o compromisso de manter a psicanálise viva como método, técnica e metapsicologia; conservando o amor à verdade que une os psicanalistas. Que sejamos lúcidos e abertos como Freud para captar a verdade de cada um, no seu tempo e na sua singularidade.

Episteme: Suzana Alves Viana



1. Quais são os fundamentos filosóficos e/ou epistemológicos que sustentam sua prática clínica?

Posso te contar como fui construindo os fundamentos da minha clínica, algo que se deu numa confluência entre o fazer clínico e meu interesse pela pesquisa.

Me formei por Ribeirão Preto e como lá não havia formação psicanalítica, o forte de Ribeirão era Skinner – terapia behaviorista - comecei a viajar semanalmente para São Paulo para ter supervisão, ao mesmo tempo, prestei os exames da pós-graduação em Psicologia Clínica na USP e entrei.

Durante o curso aproximei-me dos professores que eram psicanalistas, como Ryad Simon, Walter Trinca, dentre outros, ao mesmo tempo, que a questão piagetiana sobre o desenvolvimento do pensamento me atraiu, particularmente pelas aulas que tive com Zélia Chiarottino. Então me propus como dissertação do mestrado, fazer uma relação entre a aquisição da *permanência do objeto* – segundo Piaget, e a *reação ao estranho*, usando para tanto uma situação teste – *A Situação Estranha* - elaborada por Ainsworth, baseada na teoria do Apego de Bowlby.

Trabalhei com bebês dos 9 aos 11 meses. Ao longo do desenvolvimento do trabalho fui-me apropriando mais do interesse que se tornou objeto do doutorado: percebi, com o mestrado, que criei duas “situações de laboratório”, que pressupus, medissem, uma, a situação cognitiva e a outra, a situação emocional, em separado. E achei que isto era um viés, porque o pensamento é expressão, resultado do quanto e do como nossa organização cognitiva consegue trabalhar afetada pelas nossas emoções conscientes e inconscientes.

Já no percurso da formação psicanalítica, que começo a fazer entre o mestrado e o doutorado, sou atraída pela questão colocada pela escola inglesa sobre *contratransferência*: a de que as emoções experimentadas pelo analista na sessão de análise poderiam constituir-se em trabalho interno, levando o analista a uma expansão do seu pensamento e consequentemente à compreensão da interpretação que lhe viria através da experiência emocional.

Portanto a questão do pensamento, que emerge para o psicanalista na sessão, tornou-se minha questão manifesta e, a partir daí mergulho nela e realizo um trabalho de doutorado muito diferente do mestrado. Muito mais do *lado de dentro de mim*.

2. Sobre formação continuada, o que você recomenda aos analistas em formação sobre a formação de cada um?

Manter-se analista em formação deve ser uma espécie de contrato do analista consigo mesmo. Sua formação se dá no tempo verbal do gerúndio - o aoristo dos gregos - que marca uma ação iniciada no passado, mas cuja realização alcança o presente. Um contrato épico diria, algo como um desenrolar em direção ao infinito de si, enquanto o si mesmo guarda esta potência épica. É preciso estar direcionado para um além, uma transcendência a ser alcançada através dos rituais que a regra da formação prega- o tripé da formação - análise, supervisão e atendimento clínico. Mas, jamais confundir a execução da regra com formação.

Enfatizo o épico e o transcendente, porque o método a ser apreendido envolve um processo de fazer e desfazer, construir, destruir e transformar em um movimento cuja forma tende para a espiral. O analista não pode perder a capacidade de se surpreender e com isto, de inventar.

Para mim, escrever, de modo a ver nascer na escrita, uma configuração que contenha a experiência emocional vivida no exercício do trabalho analítico é uma das formas de se manter em formação.

3. Você poderia comentar brevemente sobre os fundamentos estéticos que norteiam o seu entendimento da Psicanálise?

Acho que ao me inclinar sobre a Contratransferência como a questão fundamental do analista, me direcionei para buscar uma forma para a experiência emocional – experiência do sensível – que se dá na relação analista-analisando.

Meltzer na *Apreensão do Belo* nos fala que o método psicanalítico, *com sua intimidade, privacidade, ética, atenção, tolerância, postura não julgadora, continuidade, abertura, prontidão implícita ao sacrifício por parte do analista, compromisso em reconhecer erros, senso de responsabilidade em relação ao paciente e sua família, enfim, tudo que está incorporado no fazer um exame do processo transferência-contratransferência – todas estas facetas ligadas por um esforço sistemático, tornam o método um objeto estético.*

Meltzer teoriza sobre o conflito estético como a primeira experiência emocional do bebê que ocorre frente ao contato impactante com o mundo exterior. O representante da beleza que lhe impacta é a “linda mãe-seio pensante”, mas simultaneamente o bebê sente dúvidas a respeito do seu interior. E o bebê só poderá tolerar esta experiência estética de espanto e admiração, se tais sentimentos forem recíprocos por parte da mãe. Ao ser contido, nasce um pensamento. No mesmo sentido, acompanhando o analisando pelos múltiplos caminhos que a angústia toma em seu interior, o analista pode tornar a experiência estética numa forma de conhecimento.

Este é o modelo da experiência emocional na análise: é uma experiência de construção e destruição que pode ser entendida através do conceito de *mudança catastrófica* de Bion. A experiência emocional na análise é uma travessia pela turbulência emocional que esperamos resultar numa transformação, ou seja, na *Apreensão* (mais profunda) do Belo.

Agenda 2018

2° SEMESTRE

29.08 Quarta
17:30 - 19:00

Discussão Clínica

Coordenação: Maria Luiza Persicano

12.09 Quarta
19:30 - 22:00

Psicanálise e Sociedade

22.09 Sábado
09:00 - 17:00

XIX Jornada de Membros do Departamento Formação em Psicanálise

Equipe Acto Falho:

Autores:

Gustavo A. J. Amarante

Maritza Köpp Setti

Gisele Assuar

Antônio Alves Xavier

Juliana Pinto Zaroni

Eliane Accioly Fonseca

Editora:

Sefi Strengerowski

Editor Colaborador:

Joaquim Pereira da Silva Junior

Designer Gráfico:

Carlos Kolm